

# Apresentação

*Faça o que faça, a vida é ficção,*

*E formada de contradições.*

William Blake

A revista *ArtCultura*, a partir do número 9, sofreu uma significativa mudança na composição tanto do Conselho Editorial como do Conselho Consultivo. Essas alterações também se desdobraram num novo formato — a começar do projeto gráfico — que inclui dossiês ou minidossiês, traduções, artigos e resenhas. Não se trata de impor uma camisa-de-força ou de definir um modelo inflexível para esta publicação. Pelo contrário, o planejamento editorial obedece tanto a escolha de temáticas definidas pelos conselheiros como leva em consideração as contribuições recebidas, que evidentemente são as mais variadas possíveis. Aproximando, assim, diferentes textos, contextos, autores, procuramos editar trabalhos que, de múltiplas formas, trazem à tona subjetividades distintas e leituras diferenciadas.

Neste número, excepcionalmente, optamos por quatro minidossiês, uma tradução e três resenhas. No caso do minidossiê Eliseu Visconti: um pintor moderno, contamos com a colaboração de Luciene Lehmkuhl, que formulou a idéia e o organizou.

O tema que abre esta revista é *História & Poesia*. Composto por três artigos, as reflexões apresentadas focalizam as relações estabelecidas entre História, arte, narrativa e poesia. A discussão se inicia com a ênfase na importância da poesia como fonte para o historiador, passa pela comparação entre as perspectivas da hermenêutica e da terceira geração dos *Annales*, e se detém, por fim, nas pluralidades dos modos discursivos, das linguagens, e nas conexões e nos diálogos entre História, literatura e poesia. A seguir temos a análise da obra de duas poetisas: Wislawa Szymborska e Alice Ruiz. A noção de “história vista das margens” pode ser aplicada tanto para a polonesa Wislawa como para a brasileira Alice. Basta constatar que as questões elencadas se referem, por exemplo, ao cerceamento cultural imposto pelo comunismo da segunda metade do século XX na Polônia, à linguagem poética, à “poesia feminina”, às vozes esquecidas, às memórias dissonantes, à história literária e à importância das fiandeiras das palavras como objeto de pesquisa no meio acadêmico.

O minidossiê *História & Cinema* agrupa quatro textos que evidenciam as interlocuções entre História e cinema, história do cinema e cinema brasileiro, modernidade e capitalismo, Cinema Novo e os cinema-novistas, cinema, música e mídia. As análises, mesmo que sob perspectivas distintas, dos filmes *Barro humano* (1929), *Mulher* (1932) e *Tempos modernos* (1936) — coincidentemente três filmes mudos — vão destacar os temas da modernidade, das individualidades, das narrativas, do popular, dos locais de trabalho, da recepção, da luta de classes, da exploração e estranhamento do trabalhador, enfim, dos dramas de homens e mulheres na sociedade

capitalista. A abordagem de *O amuleto de Ogum* (1974) vai salientar não apenas o enredo como também apontar as ligações entre o autor, a obra e o público, a política cultural estatal, nos anos 1970, e a chamada “produção popular”. Já o artigo sobre os usos da música em *Orfeu do carnaval* (1958) e *Orfeu* (1999) põe em relevo as relações entre o filme e a indústria fonográfica, a canção como estratégia de mercado, os cineastas e o capital.

Mulheres do Brasil: Beja, Carmen e Dolores reúne três trabalhos que discutem as experiências de personagens diferenciadas na história brasileira. Para tanto são focalizados, entre outros aspectos, a produção de imagens instituídas pela iconografia e pela literatura, a construção estética do mito, os significados das representações (ou “re-apresentações”), as relações entre representações regionais e nacionais, o nacionalismo e a identidade nacional, as sensibilidades femininas, as memórias sonoras. Trata-se de um rememorar de trajetórias de mulheres mediante textos escritos e visuais assim como das leituras que foram feitas sobre elas.

Três artigos oriundos de pesquisas recentemente realizadas integram o minidossiê Eliseu Visconti: um pintor do moderno. Suas autoras propõem uma abordagem histórica das pinturas de Eliseu Visconti, a partir de um olhar apurado, minucioso e atento às construções pictóricas, estéticas e estilísticas. O pintor é mostrado com seu potencial para o moderno por meio de construções que o deslocam do lugar comum, até então atribuído a ele pela historiografia e pela crítica, que o elegeram o precursor do impressionismo no Brasil. As imagens por ele criadas são portadoras das contradições inerentes à modernidade. Os três textos, ao apresentarem um Visconti aberto à variedade de influências estilísticas como o impressionismo, o simbolismo, o *art nouveau* e o divisionismo, fazem emergir um artista interessado em temáticas diversificadas e em experimentações técnicas e formais.

Na seção Tradução, Dolf Oehler vai destacar a importância histórica do livro de Charles Baudelaire, *As flores do mal*. Os temas da modernidade e do mal continuam na ordem do dia.

Fechando este número, publicamos resenhas de livros assinados por Francisco Foot Hardman, Juremir Machado da Silva e Idelber Avelar, cujo propósito é contribuir para o debate historiográfico.

Boa leitura.

Kátia Rodrigues Paranhos

Editora